

## O perigo nos corpos que excedem seus contornos: Individuação e desmarginação em Bergson e em Deleuze e Guattari

Irene Danowski Viveiros de Castro<sup>107</sup>

### Resumo:

Este artigo trata do problema da individuação em Bergson e em Deleuze e Guattari. Começamos fazendo uma análise do que seriam os processos de individuação na filosofia de Bergson. Tentamos demonstrar como, para Bergson, os corpos são inseparáveis de seu meio, pois possuem margens nebulosas e em constante transformação. Fazemos, então, uma relação entre a sua concepção de individuação e o conceito de *desmarginação*, que se refere à *ameaça* da explosão dos objetos para fora de seus contornos. Com Deleuze e Guattari, então, aprofundamos essa ideia de desmarginação e sua relação com a individuação e a co-individuação. É também a partir da leitura de *Mil platôs* que vemos a possibilidade de uma espécie de desmarginação ter lugar no contexto da crise ecológica; a saber, quando inúmeros indivíduos, vivos e não-vivos, perdem sua consistência e se dissolvem.

**Palavras-chave:** Metafísica, individuação, Bergson, Deleuze, Guattari.

### Abstract:

This paper centers around the subject of individuation in the works of both Bergson and Deleuze and Guattari. We begin by analyzing what could be defined as processes of individuation in Bergson's philosophy, in an attempt to demonstrate how, according to him, all bodies are inseparable from their medium because their boundaries are necessarily hazy and in constant transformation. Our intention here is to draw a relationship between his theory of individuation and the concept of *dissolving margins*, which refers to the *threat* that an object might explode beyond its margins. With the help of Deleuze and Guattari's *A Thousand Plateaus* we go deeper into our analysis of the concepts of dissolving margins, individuation and co-individuation. The development of these concepts leads us, finally, to foresee that perhaps something like a dissolving of margins could take place in the context of the ecological crisis; that is, when countless individuals, living and non-living, lose consistency and dissolve themselves.

**Keywords:** Metaphysics, individuation, Bergson, Deleuze, Guattari.

### Introdução

A questão que nos propomos trabalhar neste artigo é resultado, em parte, de uma pesquisa sobre a filosofia de Henri Bergson em que estudamos as consequências da maneira como, no sistema filosófico bergsoniano, o seu conceito de duração ocupa o

<sup>107</sup> Bacharel em filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e mestranda em filosofia na PUC-Rio. Email: [irene.viveirosdecastro@gmail.com](mailto:irene.viveirosdecastro@gmail.com).

lugar dos conceitos clássicos de espaço e de tempo. Essa característica de seu sistema nos levou ao estudo da separação dos indivíduos em relação ao seu meio, visto que a sua complexidade e fluidez tornava-se evidente. Em nossa leitura, compreendemos a filosofia de Bergson como contendo uma crítica à concepção de que os indivíduos possuem contornos fixos e pré-determinados, os quais, segundo seu sistema, não poderiam existir nem de fato e nem de direito. Nesse contexto, nos interessará aprofundar o problema da fragilidade e do embaralhamento dos contornos, ou margens (não mais fixas ou pré-determinadas), dos entes.

Esse problema tomou sua forma atual depois que desenvolvemos um trabalho sobre o conceito de "desmarginação", tal como cunhado em uma obra de ficção que utilizamos como base para nosso texto, a saber, a chamada "série napolitana" de Elena Ferrante<sup>108</sup>. O conceito de desmarginação se refere à experiência de uma determinada personagem da série que, em momentos de perigo, é tomada pela percepção de que a matéria dos objetos individuados explode para fora de seus contornos e se mistura com a de seu entorno. Embora pareça contra-intuitivo imaginar a dissolução das margens como um perigo iminente, o experimento mental que realizamos a partir desse livro serviu para pensarmos sobre a possibilidade dessa desmarginação para além de seu contexto ficcional e explorarmos a fragilidade real das margens dos objetos de nossa experiência, bem como da heterogeneidade e constante transformação de seus conteúdos.

Desejamos, então, investigar a maneira como se constituem, para além do contexto de nossas pesquisas anteriores, essas margens frágeis e a posterior transformação *dos* indivíduos e *entre* indivíduos, analisando sua co-constituição e inseparabilidade ontológica. Trata-se, ou assim nos parece, de pensar o equilíbrio entre o estabelecimento de margens determinadas e fixas (que criticamos a partir de nossa leitura de Bergson) e a experiência de perda de todas as margens, o que, parece-nos, pode ter suas consequências negativas.

Faremos uma introdução ao problema a partir de uma leitura de Bergson, já guiada pelos comentários de Deleuze e de Lapoujade. Em seguida, faremos uma análise da questão a partir de conceitos encontrados em *Mil platôs*, de Deleuze e Guattari, livro no qual os autores introduzem uma larga gama de conceitos que complexificam a

---

<sup>108</sup> Trata-se de uma série de quatro livros que acompanham o desenrolar de uma mesma narrativa, chamados respectivamente de *A amiga genial*, *História do novo sobrenome*, *História de quem foge e de quem fica* e *História da menina perdida*, todos publicados no Brasil pela editora Biblioteca Azul.

relação binária entre “margem” e “conteúdo” que colocamos aqui.

Ao final, em conclusão, aludiremos às possíveis consequências metafísicas, ecológicas e políticas desse equilíbrio complexo entre excesso de margens e a sua completa dissolução. Aprofundaremos dois diferentes cenários de dissolução de formas e contornos apresentados por Deleuze e Guattari (a saber, o devir-imperceptível e a linha de morte) e compará-los, procurando compreender qual deles se mostraria mais relevante para compreender nossa presente situação geopolítica.

Nosso interesse por essas questões acerca da constituição dos indivíduos se justifica como uma tentativa de defesa da complexidade de tudo aquilo que se pode chamar de centros de agência, em um contexto histórico-filosófico em que o dualismo substancial, explícito ou implícito, foi e ainda é preponderante. A separação substancial, tal como estabelecida no discurso filosófico da modernidade sobretudo a partir de Descartes, entre a substância pensante, estando ela restrita ao homem ou não, e a substância extensa é incompatível com a posição que pretendemos defender aqui. Não é à toa que o problema do embaralhamento das margens nos apareceu a partir da tentativa de superação do dualismo em Bergson.

Há, durante a modernidade, uma tendência bem marcada a restringir o poder de determinação dos próprios contornos apenas ao sujeito humano (a substância pensante), tendência que pensamos estar diretamente associada à negação da possibilidade de agência à "natureza" (o domínio da realidade compreendido inteiramente pela substância extensa), a qual se torna, segundo essa decisão metafísica, inerte. Se, entretanto, como veremos melhor adiante, os contornos são instáveis e estão em constante transformação não só para o sujeito humano, mas para todas as coisas, estabelecer, de um ponto de vista exterior, limites rigidamente definidos para todo um conjunto enorme de entes (senão para todos) deve ter implicações importantes.

O conceito que trouxemos aqui, de desmarginação, nos será útil nesse contexto, pois parece remeter a um processo de dissolução daquilo que Deleuze e Guattari chamarão de *agenciamentos*. Esse processo pode acontecer de duas formas, como veremos, seja quando há liberação (não completa) das formas e atinge-se um devir imperceptível, seja quando há uma completa dissolução da possibilidade de estabelecer contornos – em outras palavras, caos. É nossa hipótese, apoiada pela leitura que fizemos desses autores, que estamos enfrentando hoje um *perigo* de desmarginação generalizada, que também podemos chamar de linha de morte, ameaçando todas as

agências (humanas e extra-humanas) que nos cercam. Por fim, sugeriremos que há uma iminente dissolução em larga escala das margens e que isso tem já consequências ecológicas e políticas.

### Desenvolvimento

Para entendermos a maneira como Bergson supera o dualismo, é importante reconhecer o lugar do conceito de *espaço* em sua filosofia e a relação desse conceito com o de *duração*. Contornos fixos e que delineiam uma diferença discreta entre um interior e um exterior só poderiam existir no que chama de espaço ou de multiplicidade quantitativa; é um domínio da realidade que não existe de fato, mas apenas como ponto limite de uma tendência à atualização, imobilização ou presentificação do tempo, da duração. O espaço é de extrema utilidade para a percepção humana, a qual opera através do que Bergson chama de “inteligência”<sup>109</sup>, dividindo e criando contornos nos objetos – vivos e não vivos – para otimizar nossa ação sobre a matéria.

Chamamos o espaço de multiplicidade quantitativa para atentar ao caráter homogêneo que possibilita sua infinita divisibilidade em partes quantitativamente distintas, porém qualitativamente idênticas<sup>110</sup>. Os contornos seriam, idealmente, como desenhos em uma folha de papel em branco; em si, não contêm nenhuma qualidade e não mostram mais do que coordenadas. Em realidade, porém, aquilo que está dentro do domínio das margens que observamos é heterogêneo e indivisível. Isto significa que suas partes estão em constante interpenetração, não justaposição, e, desse modo, qualquer recorte acarreta em uma mudança de sua configuração, de sua estrutura interna. Parafraseando Deleuze, diremos então que qualquer recorte, ou qualquer imposição de contornos, implica em uma mudança de natureza.

A heterogeneidade é característica do que Bergson chama de *duração*, o tempo que não é decalcado do espaço, i.e. que não é homogêneo, cujas partes são interpenetradas e em constante fluxo e transformação. Segundo sua filosofia, portanto, o que está contido dentro disso que vemos como contornos e separações discretas do meio são as diferentes velocidades dessa duração, da qual temos uma experiência mais clara em nossa consciência, devido ao modo como nossos afetos e memórias se comportam, interpenetrando-se mais do que aparentam fazer a matéria e os outros seres exteriores à

<sup>109</sup> Cf. BERGSON, Henri. *A evolução criadora*. São Paulo: Editora Unesp, 2010, capítulo 2.

<sup>110</sup> Cf. BERGSON, Henri. *Essai sur les données immédiates de la conscience*. Paris: Presses Universitaires de France, 2010, capítulo 2.

consciência. Seria contraditório falar em uma duração que se apresentasse de uma única maneira, em uma única velocidade – ou, em outras palavras, homoganeamente. Se, como mencionamos, o espaço é apenas um limite da presentificação da duração, todo o universo material deve durar e, portanto, como dentro de nossa consciência são observadas mais fortemente as características da duração do que na matéria externa a nós, Bergson conclui que entre consciência e matéria deve haver diferentes graus<sup>111</sup> de contração e relaxamento, ou velocidades, de duração. Será possível falar, portanto, em diferenças entre ritmos da duração.

Se a inteligência (a saber, o recorte dos objetos materiais em um espaço homogêneo tendo em vista uma reação útil do corpo) é uma faculdade do homem que permite sua ação em meio ao aspecto espacial dos objetos, diremos que a *intuição* é a faculdade de conhecimento direto da duração, através da qual podemos observar o embaralhamento das margens que a inteligência constrói. Intuição “significa primeiro consciência, mas consciência imediata, visão que mal se distingue do objeto visto, conhecimento que é contato e até mesmo coincidência [...] A intuição é aquilo que atinge o espírito, a duração, a mudança pura.” (BERGSON, 2006, pp. 29-31). Desse modo, conhece-se de imediato a duração, sem o intermédio dos contornos necessários para a reação do corpo no espaço – consequentemente, conhecem-se também as diferentes *tendências*, ou ritmos, da duração que aproximam-se mais ora da espacialidade, ora de uma consciência, de uma memória. Como método da filosofia de Bergson, a intuição funciona *dividindo* os mistos, i.e. reconhecendo que há diferença de natureza entre diferentes tendências (por exemplo, entre as imagens da percepção e a memória profunda) que coexistem em um mesmo contorno (para ficarmos no mesmo exemplo, o homem)<sup>112</sup>.

Deleuze define “tendência” como “a maneira pela qual o misto combina a duração e a extensão definidas como movimentos, direções de movimentos” (DELEUZE, 1999, p. 15). Tendências seriam então os movimentos em direção à espacialização, ou atualização, das diferenças de natureza que coexistem virtualmente

---

<sup>111</sup> Isso parece contradizer o fato que observamos antes, a saber, que a duração possui apenas diferenças de natureza e nunca de graus; mas a solução para essa aparente contradição está justamente no fato de que a duração é pura diferença de natureza, como aponta Deleuze. Falar de uma diferença (de graus) entre duas coisas é já colocar essas coisas como exteriores uma à outra, dispondo-as no espaço. Uma diferença de natureza nunca se dá *entre* coisas, mas se expressa como duas *tendências* (abordaremos melhor esse vocabulário a seguir) em uma mesma coisa, que difere em si e por si. Sobre esse problema, ver DELEUZE, Gilles. Bergson, In: *Bergsonismo*.

<sup>112</sup> Cf. DELEUZE, Gilles. *Bergsonismo*. São Paulo: Editora 34, 1999, p. 14

em profunda interpenetração na duração. Nesse sentido, uma tendência é um movimento que parte de uma coexistência (por interpenetração) profunda e que, ao espacializar-se, tornar-se novamente uma coexistência, mas dessa vez por justaposição, com outras tendências atualizadas com as quais ela será confundida e colocada em um mesmo contorno.

Se o método intuitivo é útil filosoficamente, não é apenas na medida em que permite ao filósofo conhecer as condições de possibilidade da experiência (a saber, a origem na duração das tendências puras), mas também porque lhe dá as ferramentas para reconhecer, em uma experiência real de mistos, que o que parecem ser diferenças quantitativas, de grau, entre funções agrupadas em um mesmo contorno (como, por exemplo, a percepção e a memória profunda) na verdade são diferenças de natureza representadas por movimentos distintos, velocidades distintas de uma mesma duração.

O reconhecimento de uma tendência pode implicar em reconhecer também um mesmo movimento, um mesmo ritmo de movimento, que perpassa diversos objetos para além de seus contornos. Algo que parecia ser interior a um determinado objeto, ou mesmo exterior, pode se confundir com seu entorno ou, ao contrário, o seu entorno pode invadir seu conteúdo. O conteúdo se mistura com seus arredores, pois a margem não passa de um limite possível — os ritmos heterogêneos da duração podem ultrapassar fronteiras e unir ou separar objetos e pessoas. Ocorreria, então, uma confusão entre interioridade e exterioridade suscitada pelo método intuitivo, no sentido de reconhecer, por exemplo, a natureza comum entre matéria e consciência, a saber, a duração. As tendências à contração (maior penetração dos momentos da duração uns nos outros, que estaria presente na memória) e ao relaxamento (maior separação entre os momentos, que estaria presente na matéria) diferem em natureza e são *puras*; os movimentos reais não possuem limites claros entre si. Os limites de uma tendência são nebulosos; ela compreende, em suas margens embaralhadas, todas as demais tendências vizinhas.

No segundo capítulo de seu livro *Potências do tempo*, David Lapoujade elabora o conceito de *simpatia* como um afeto que serve de complemento indispensável à intuição. Simpatia seria a maneira pela qual realidades diversas como a matéria, a sociedade e a vida tornam-se espírito (ao invés de "substantivos", ou seja, realidades definidas por qualificações externas, espaciais) e, na medida em que são espírito, podem

ser conhecidas intuitivamente<sup>113</sup>. Enquanto a intuição é o método pelo qual a consciência conhece a si mesma e ao todo do universo material enquanto duração, a simpatia seria a maneira do universo material, da vida, da matéria tornarem-se *como* a consciência para que ela possa, por sua vez, conhecê-las como duração. A simpatia funciona pela percepção das velocidades comuns entre tendências e ritmos da duração, do compartilhamento de uma mesma velocidade, um mesmo ritmo da duração independente das diferenças ou semelhanças exteriores, espaciais. Poderíamos reformular a relação entre simpatia e intuição da seguinte forma, para destacar relação com interioridade e exterioridade que estamos desenvolvendo: não é porque conhecemos a duração da matéria e da vida pela intuição que ela é como a nossa; ao contrário, é porque podemos entrar em contato, simpaticamente, com diversos ritmos diferentes de duração dentro de nós que podemos conhecer a das coisas.<sup>114</sup>

Se podemos, portanto, conhecer a duração intuitivamente – e isso envolve conhecer tanto nossa consciência quanto a duração da matéria e da vida – é preciso que, dentro de nós mesmos, tenhamos acesso à diferença e variação de ritmos da duração para que, simpaticamente, tornemos espírito aquilo que está fora de nós. Tornar espírito a matéria e a vida é reconhecer o que há de movente nelas – o prolongamento do passado no presente, ou seja, a duração. Em consequência disso, será possível, retomando o vocabulário que utilizamos há pouco, reconhecer os movimentos dentro dos contornos e saber diferenciá-los uns dos outros, ao invés de colocá-los juntos dentro de uma mesma margem espacial e buscar agrupá-los, também, ontologicamente<sup>115</sup>. Nesse sentido, seguir a intuição permitiria diferenciar os movimentos reais uns dos outros e também seus prolongamentos, suas relações reais.

Seria possível concluir, a partir do que escrevemos sobre Bergson, que as margens podem ser atribuídas a um efeito da percepção propriamente humana, da inteligência. Sabemos, porém, que Bergson distingue dois tipos possíveis de individuação: a dos objetos materiais inorgânicos e aquela dos seres vivos e do todo do

<sup>113</sup> Cf. LAPOUJADE, David. *Puissances du temps*: versions de Bergson. Paris: Les Éditions de Minuit, 2010, p. 56

<sup>114</sup> N<sup>a</sup> *evolução criadora*, Bergson traz diversos exemplos de animais parasitas que conhecem tão bem, instintivamente, uma outra espécie animal, que sabem como se utilizar de seu corpo para sua própria reprodução. (Cf BERGSON, Henri. *A evolução criadora*. São Paulo: Editora Unesp, 2010, pp. 192-194) Trata-se, dirá Bergson, de um exemplo do uso da *simpatia* pelo instinto; do reconhecimento do movimento do corpo do organismo parasitado internamente.

<sup>115</sup> Em Bergson, um exemplo desse agrupamento ontológico está em não distinguir a diferença de natureza entre a memória e a percepção, o que levaria à ilusão de que a memória se constitui de representações da percepção “guardadas” no cérebro. Sobre esse problema, ver seu livro *Matéria e memória*.

universo que dura. Os primeiros não poderiam se individuar por conta própria; não há sistemas materiais naturalmente fechados, para Bergson – estes, sim, seriam produto da inteligência. Já os seres vivos teriam limites naturais: eles são um sistema autocontido que, não obstante, pode se abrir à transformação sem perder sua estabilidade, sem se desfazer. Não nos preocuparemos aqui em analisar a hierarquização ontológica provocada por essa sua distinção entre seres vivos e não vivos, que pensamos suscitar uma série de problemas. Interessamo-nos, sim, em seu conceito de indivíduo (seja ele vivo ou não) como um todo aberto. Colocamos, então, a questão: são possíveis contornos que não sejam uma ilusão da percepção? Deleuze e Guattari (D&G), elaboram um conceito de individuação aberta que eles chamarão de agenciamento. Trata-se de um ente que, por estar aberto à transformação, não tem suas margens determinadas externamente, de maneira transcendente, mas sim de maneira imanente.

Em outras palavras, trata-se de compreender em que medida as margens são reais e, quando ou se elas o são, quais os processos que as delineiam (são os agenciamentos que as determinam, ou elas são determinadas por um fundamento externo?) e como nós, a população humana e os poderes estabelecidos<sup>116</sup>, e a metafísica estabelecida, influímos no processo de autodeterminação de margens impedindo os agenciamentos de se atualizarem e encontrarem seu equilíbrio entre margens, de um lado, e desmarginação como desorganização e caos, de outro.

A trama conceitual guattaro-deleuziana entre *plano de consistência*, *agenciamento*, *devir* e *estratos* sugere que, ao invés de falarmos em margens nebulosas que distinguem um interior de um exterior, será mais interessante falarmos dos movimentos aberrantes<sup>117</sup> que passam por entre contornos. O estado que está mais próximo de possuir contornos, no sistema do *Mil platôs*, é o *estrato* e não o agenciamento – não devemos confundir os dois, mas o estrato é necessário à composição do agenciamento, como veremos. Os *estratos* são estruturas estáveis, sistemas com componentes homogeneizados próximos do equilíbrio<sup>118</sup> e que formam matérias, sujeitos, e fixam intensidades. Esses movimentos são compreendidos a partir do que D&G nomeiam plano de consistência, o plano das multiplicidades heterogêneas,

<sup>116</sup> Esses termos são utilizados por D&G no platô sobre o ritornelo, quando tratam da questão das linhas de morte que surgem na terra no momento contemporâneo. Ver DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, vol. 4. São Paulo: Editora 34, 2012

<sup>117</sup> Cf. LAPOUJADE, David. *Deleuze, os movimentos aberrantes*, São Paulo: n-1 edições, 2015. Capítulo 7.

<sup>118</sup> Cf. BONTA, Mark; PROTEVI, John. *Deleuze and Geophilosophy*, Edimburgo: Edinburgh University Press, 2004. P. 150



das partículas loucas, dos movimentos liberados de formas e organizações, “velocidades e lentidões entre elementos não formados” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 59). O constitui esse plano são os movimentos que passam por entre aquilo que chamamos de contornos – por entre os *estratos*, centros homogeneizados e separados discretamente uns dos outros.

As transformações pelas quais passam os estratos, afetados pelos seus meios e por outros entes, aparecem nesse plano como movimentos diversos, velocidades e lentidões, movimentos que unem um estrato a outro em agenciamentos, e depois em novos agenciamentos, novas multiplicidades – o que os dois autores chamarão de devires e de formação de *blocos de coexistência*. No plano de consistência, tudo é dado e nada é escondido, não há transcendência, ele não é fundamento de nada, há apenas movimentos que se interpenetram e contêm uns os outros sem instâncias que se superponham a eles, tais como sujeitos, formas e contornos.

Por oposição a esse plano, há um outro que, ao contrário daquele, não é dado, mas inferido a partir do que ele dá, tomando o papel de fundamento. Como descrevem os autores, trata-se de "uma estrutura oculta necessária às formas, um significante secreto necessário aos sujeitos. Sendo assim, é forçoso que o próprio plano não seja dado. Nesse sentido, é um plano teleológico, um desenho, um princípio mental." (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 57) Seguindo essa definição, e retomando o que falamos sobre a determinação das margens alguns parágrafos acima, seria assim possível argumentar que o plano de organização não dá conta, por si próprio, da agência dos corpos, visto que eles seriam determinados por um fundamento externo e, portanto, não poderiam ser responsáveis pela delimitação de suas próprias margens e por seus movimentos de transformação.

Os estratos, apesar de terem uma tendência a homogeneização, não formam necessariamente um plano de organização – eles não pertencem a outro plano, distinto e incomunicante com o plano de consistência, mas são como resíduos dele, *meios* [*milieux*] nos quais os movimentos liberados se espessam e se codificam pela repetição periódica. Um corpo, um agenciamento, possui estratos que estão em constante comunicação entre si, em constante troca, transcodificação.

No platô sobre o conceito de ritornelo, D&G descrevem os *meios* e sua relação com o caos, *de onde eles vêm*, e os ritmos. Os meios são repetições periódicas que criam um centro estável no caos, e, portanto, estão abertos a ele; eles possuem também, como

revida ao caos, o *ritmo*. O ritmo é a passagem entre heterogêneos e aparece, como o caos, entre dois meios, mas ele só nasce quando há transcodificação entre os meios, passagens, comunicação. Nesse sentido, é a possibilidade de comunicação entre estratos que afasta o caos. Diremos que os ritmos traçam planos de consistência, uma vez que este acompanha os movimentos aberrantes que emergem dos estratos, que passam por eles ou que resultam neles.

Enquanto o caos é o conjunto inconsistente e desorganizado de meios, o plano de consistência possui uma complexa articulação e, sem ser redundante, consistência, uma vez que mantém juntos elementos heterogêneos, multiplicidades heterogêneas que se interpenetram e criam novas multiplicidades constantemente, sem que eles percam suas diferenças de natureza. Quanto ao caos, para que ele se organize, precisa homogeneizar as diferenças criando estratos e codificando, porque ele é o “meio de todos os meios” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 125) e opera como eles.

Os corpos estratificados não possuem consistência, visto que suas margens são apenas como linhas traçadas em torno de um conjunto homogeneizado que não pode dar conta das mudanças de natureza, da transformação de suas multiplicidades, pelas quais os corpos passam. Essas transformações acontecem, como já mencionamos, por entre as margens. Em outras palavras, podemos dizer que, para que uma individuação sustente a si própria, sem depender de entidades externas que determinem seus contornos, ela precisa estar aberta a transformação.

Falamos em estratos e sobre como os movimentos aberrantes que fogem a eles podem, por vezes, traçar linhas comuns com outros estratos (as quais não se traçam por semelhança, mas por simpatia) formando agenciamentos, e esse processo também ocorrerá entre agenciamentos. O conceito de agenciamento é especialmente importante aqui, pois trata justamente de individuações complexas, as quais possuem uma face voltada à estratificação e outra ao plano de consistência. Ele é necessário ao estrato e se segue de suas relações: “são necessários agenciamentos para que seja organizada a unidade de composição envolvida num estrato, isto é, para que as relações entre tal estrato e os outros, entre esses estratos e o plano de consistência, não sejam relações quaisquer.” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 89); mas além de efetuar a relação dos estratos entre si, ele se abre também ao plano de consistência na medida em que descodifica os meios para desenvolver seu meio interno e possui a capacidade de se desterritorializar de maneira absoluta.

Um agenciamento, em um movimento que D&G chamarão de ritornelo, se atualiza passando por um processo de organização do caos em meios codificados, de estabelecimento de um território, o qual é uma delimitação de fronteiras para o afastamento do caos e, enfim, por uma abertura ao plano de consistência<sup>119</sup>. O território implica, já na sua constituição interna, os interagenciamentos; em outras palavras, a relação entre os agenciamentos já está imbricada em sua constituição. Nos termos em que colocamos a questão inicialmente, poderíamos dizer que o agenciamento efetua a determinação de seus próprios contornos, separando-se de seu meio e de outros agenciamentos. Justamente, porém, por estar ele próprio no controle da delimitação de suas margens, elas se embaralham e se abrem à medida que seus meios interno e externo se transformam, em relação um com o outro, tornando sua distinção cada vez mais abstrata por meio desse processo.

“Vimos que o território se constituía numa margem de descodificação que afeta o meio; vemos que uma margem de desterritorialização afeta o próprio território.” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 144) A desterritorialização faz o movimento de passagem entre territórios e pode também abri-lo ao plano de consistência e à possibilidade de desenvolvimento de novos agenciamentos e devires; i.e. às transformações pelas quais um agenciamento sai de seus limites em um movimento conjunto com outro agenciamento, ou outros, formando um novo agenciamento. É essa ponta de desterritorialização, operada pelo ritornelo, que garante a consistência do agenciamento, a reunião de componentes heterogêneos que antes coexistiam e se sucediam, mas que agora estão tomados uns nos outros. A importância, pensamos, do equilíbrio encontrado pelo agenciamento está justamente no que o afastamento do caos é iniciado pela criação de limites, mas devidamente conquistado quando as margens permitem que o agenciamento adquira consistência, efetuando sua abertura ao plano de consistência, a outros devires e outros agenciamentos. Os limites podem se abrir ao plano sem se abrir ao caos.

Enquanto os meios oscilam entre um estado de estrato codificado e um movimento de desestratificação que retorna ao caos, os agenciamentos são o resultado de uma batalha de forças que conduzem ora a uma abertura desterritorializante, ora a

---

<sup>119</sup> Deleuze e Guattari reforçam que esses processos não estão organizados em uma ordem cronológica evolutiva, mas são três aspectos do ritornelo. Ver DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, vol. 4. São Paulo: Editora 34, 2012, p. 123.

um fechamento territorial que tende a reestratificá-los.<sup>120</sup> Ambos os movimentos conduzem, quando levados ao limite, a algo similar ao que chamamos anteriormente de desmarginação. Entendemos, porém, que se trata de desmarginações distintas.

Um primeiro movimento leva ao plano de consistência. Essa é a primeira dissolução de margens, aquela que, não obstante a falta de limites, conserva toda a heterogeneidade e a possibilidade de novos devires, novos agenciamentos. As margens que aqui se desfazem são aquelas que separam os agenciamentos uns dos outros. Os movimentos de reterritorialização das desterritorializações que levam à abertura ao cosmo são estancados. O agenciamento que passa por esse processo entra no que os autores chamam de um devir-imperceptível, pois seus movimentos se conjugam com aqueles do mundo todo. É necessário, porém, guardar um resquício de estratificação, um resquício do movimento de agenciar-se e de determinar margens mesmo em um devir-imperceptível, e é isso que impede que esse primeiro movimento se torne como o segundo.

Ora quando ocorre uma desterritorialização precoce e brutal, ora quando a imposição de um plano de organização coloca contornos transcendentais em excesso e intercepta as linhas de fuga do agenciamento, ocorre o segundo tipo de desmarginação. A consistência é necessária para o devir-imperceptível; e já vimos como se forma um plano de consistência, como seus movimentos dão origem aos estratos e deles retornam, passando por dentro, por entre os estratos – um mínimo de estratificação é guardado nesses movimentos, sendo necessário ao plano para que ele não se torne um “conjunto indiferenciado de matérias não-formadas, tampouco um caos de quaisquer matérias formadas.” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.87)

Quando são interceptadas as linhas de fuga, ou quando os movimentos de desterritorialização ocorrem cedo demais e não acompanham as velocidades do plano, o agenciamento se fecha em estratos incomunicantes, um meio inarticulado com os demais. Nesse contexto, portanto, não podemos mais dizer que há desterritorialização: houve uma, precoce e brutal, mas agora que não há mais agenciamentos e territórios, porém, só temos caos. Enquanto um só fechamento em estrato não apresenta perigo, uma ressonância de estratos incomunicantes, puxada por uma linha de morte ao invés de uma linha de fuga, implica em um caos inconsistente e incapaz de gerar novos agenciamentos, novos devires.

<sup>120</sup> Cf. DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 4*. São Paulo: Editora 34, 2012, pp. 155-156.

A princípio, este último não pareceria uma desmarginação, afinal se trataria justamente de um fechamento, uma impossibilidade de comunicar. Desmargina-se, porém, os agenciamentos quando figuras homogêneas incomunicantes ressoam em um caos profundo. Os agenciamentos perdem sua consistência quando se fecham à desterritorialização, e se abrem, simultaneamente, ao caos – aqui se perdem de vez as margens, nenhum resquício do movimento de estratificação dos agenciamentos é guardado. A desterritorialização precoce e brutal não se conjuga com as velocidades e lentidões do plano de consistência, ela impõe sua própria velocidade, corre rápido demais e, justo por isso, os estratos se tornam incomunicantes, as heterogeneidades não convivem mais e formam meios codificados homogêneos sem qualquer ritmo que os harmonize e distancie do caos.

Chegamos, enfim, à questão: de que maneira podemos pensar que a desmarginação representa um perigo em nosso contexto atual? Na relação (de parte) dos humanos com os extra-humanos ocorre a projeção do plano de organização, pelo “sujeito humano”, sobre os demais agenciamentos animais, vegetais, geológicos. Tendo em vista que tanto os agenciamentos quanto o plano de consistência dependem da possibilidade de articulação, de abertura e interpenetração entre os diferentes movimentos que passam por entre os estratos, nossa sugestão é que, quando o “sujeito humano” do mundo ocidental industrializado impõe seu plano de organização aos outros entes da Terra, ele desarticula os agenciamentos destes últimos. Isso ocorre seja impedindo sua comunicação com seu meio exterior (destruindo-o), seja retirando-o de seu ambiente. Um processo de desmarginação generalizada, em velocidade infinita, coincide com o que chamamos de *Antropoceno* – ocorre uma linha de morte que leva a um afundamento no que caracterizamos acima, a partir de D&G, como estratos incomunicantes. Os agenciamentos complexíssimos que formam a vida neste planeta, abertos à relação com as paisagens geológicas, com os oceanos e com a atmosfera, correm o risco de serem precipitados em estratos incomunicantes e de assim se tornarem inconsistentes. Ou seja, torna-se cada vez mais difícil a sustentação de agenciamentos complexos que necessitam de consistência – se dificulta progressivamente o sustento de diversas, inumeráveis, formas de vida.

## **Bibliografia**

BERGSON, Henri. *Essai sur les données immédiates de la conscience*. Paris: Presses Universitaires de France, 2010.

\_\_\_\_\_. *Matière et mémoire*. Paris: Presses Universitaires de France, 2012.

\_\_\_\_\_. *A evolução criadora*. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

\_\_\_\_\_. *O pensamento e o movente: ensaios e conferências*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BONTA, Mark; PROTEVI, John. *Deleuze and Geophilosophy*, Edimburgo: Edinburgh University Press, 2004.

DELEUZE, Gilles. *Bergsonismo*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs* - vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1995.

\_\_\_\_\_. *Mil platôs* - vol. 4. São Paulo: Editora 34, 2012.

LAPOUJADE, David. *Puissances du temps: versions de Bergson*. Paris: Les Éditions de Minuit, 2010.

\_\_\_\_\_. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. São Paulo: n-1 edições, 2015.